

**ROBERT KALLEY: O HOMEM E O SEU LEGADO
TRANSATLÂNTICO (8/09/1809 – 17/01/1888)**

**Robert Kalley: man and his transatlantic legacy
(8th sept. 1809 – 17th jan. 1888)**

*Jacinto Cláudio Baptista de Gouveia **

* Presidente da Associação Dr. Robert Reid Kalley, Funchal-Madeira, Portugal.

Robert Kalley conhecia a Madeira, aquando das passagens pela Ilha, como médico de bordo. Ele tinha o conhecimento, que a ilha era o lugar mais indicado para o descanso e cura da doença pulmonar da sua esposa Margareth Kalley.

Aportam ao Funchal em Outubro de 1838 e instalam-se na freguesia de Santa Luzia no Funchal. Prevêm permanecer na Ilha oito anos.

Por ter nascido e vivido num ambiente presbiteriano e se encontrar num meio profundamente fanático, fica sensibilizado com a pobreza e analfabetismo, existente na Ilha. A expensas suas, abre escolas e ensina os madeirenses aderentes a ler. A Bíblia era o livro de ensino.

Apesar de se sentir inclinado para a “chamada”, que sentia ter-lhe sido feita para a China, sentia que o Senhor estava a mostrar-lhe um outro trabalho. Por isso dizia: “USA-ME OH PAI COMO PAREÇA MELHOR AOS TEUS OLHOS”.

Numa ilha onde a distinção de classes era bastante acentuada, os pobres ficavam sem cuidados médicos e insuficientes até, para os mais ricos.

Aluga uma casa de campo, fora do Funchal, no Sítio da Pereira no Santo da Serra. Esta freguesia pertence aos Concelhos de Machico e de Santa Cruz, está a cerca de 700 metros de altitude, com uma beleza deslumbrante, numa das mais belas paisagens naturais, que possam imaginar.

Este lugar tinha as condições perfeitas, para a cura da doença de Margareth Kalley, sendo as suas gentes, simples e trabalhadora, viviam do que a terra produzia, um dos principais produtos agrícolas é o pêro, usado para além de outros fins, para produzir a sidra, pastavam gado e comercializavam madeira, para construção de barcos, casas e mobílias. Eram colonos de terras senhoriais, que por altura da colheita, parte era entregue ao senhorio.

Foi no seio destas duas famílias, das quais eu pertenço, pelo lado materno, Baptistas e Freitas, mas também havia os Reis, Vieiras, Francos, e Gouveias entre outros, que Kalley, começa a pregar e a orar cativando os seus

ouvintes, dando em simultâneo aquilo, que nunca os camponeses alguma vez, tenham recebido. A partilha do Amor Cristão.

O percurso do Funchal ao Santo da Serra, era sob certa forma penoso. As pessoas apanhavam o barco, no cais do Funchal, que após navegar cerca de 1 hora, desembarcavam em Santa Cruz, onde actualmente está implantado o aeroporto da Madeira, iam a cavalo, pela encosta íngreme até ao sítio da Pereira, Santo da Serra, cujo percurso demorava cerca de 2 horas

Era no Largo da Pereira, junto da sua casa de campo, onde existe a convergência de vários caminhos, que Robert Kalley juntava no início da sua estadia, cerca de 500 a 2.000 pessoas, para ouvi-lo pregar, explicando a Bíblia. A cerca de 700 metros, deste lugar havia uma pequena casa denominada, casa de oração, ou casa do ti Batista. Era frequente ver o casal Kalley, mais a sua inseparável empregada dirigirem-se para lá numa carroça puxada a bois. Esta casa situada num terreno amplo e plano, num pequeno aglomerado de casas das famílias Baptistas, Freitas e Reis, era também lugar de culto.

Abriu escolas e ensinou os camponeses a ler através da Bíblia, tal e qual como fazia no Funchal e noutros pontos da ilha.

O povo era atraído pelas explicações Bíblicas, simples e claras e pela oportunidade de participarem no cântico das doutrinas cristãs, postas em hinos que o próprio Dr Kalley escrevia e compilava. Estes hinos, serviram mais tarde de base para a feitura das primeiras edições, dos “Salmos e Hinos”, publicados em Londres em 1855 e mais tarde no Brasil, já com o apoio da sua segunda esposa Sara Kalley.

Os sermões eram baseados, “Na infinita graça de Deus”; “Cristo o Salvador todo-poderoso”; “A presença e poder do Espírito Santo, o Confortador e Santificador”.

Robert Kalley, dividia o seu ministério entre o Funchal, Santo da Serra, Santa Cruz e Machico.

Em Maio de 1841 a Câmara Municipal do Funchal, louva o Bom Doutor Inglês, pelos “esforços filantrópicos” a favor dos pobres, dos doentes e dos analfabetos.

Os aderentes e as conversões ao protestantismo, começaram a chamar a atenção das autoridades portuguesas e alguma apreensão no Paço Episcopal.

O Bispo tinha o doutor em grande estima e por isso apelou para que ele renunciasse ao seu apostolado. Mas isto era impossível para quem estava “sob o poder do Espírito Santo”.

Era normal reunir cerca de 2.000 almas, em qualquer sítio para ouvirem o Evangelho. O ensino do Novo Testamento e a sua aplicação à vida tornou-se o tema de conversações nos lares e nos campos. A Bíblia ou o Novo Testamento eram compradas pelo povo tão rapidamente à chegada de Londres. Por todos os recantos da ilha, mais especialmente no Funchal, Santa Cruz, Machico e Santo da Serra, podia-se ouvir o povo a cantar os hinos Calvinistas, nome dado à versão métrica dos salmos traduzidos.

O grande interesse e o fervor evangélico dos ilhéus colocou na defensiva o clero católico romano. Sob as ordens do cônego Carlos Teles de Menezes muitas tentativas foram feitas sem sucesso, para incitar a oposição fanática contra aquela onda de testemunho evangélico.

Em Janeiro de 1843 a latente hostilidade do clero católico romano tomou expressão trágica num movimento anti-herético que em breve assumiu proporções alarmantes contra os hereges calvinistas.

Em Setembro de 1843, os serviços médicos do Dr. Robert Kalley são proibidos e as escolas encerradas, pelo mesmo município que dois anos antes reconhecia o médico Escocês como benfeitor.

No Concelho de Santa Cruz uma mulher, D. Maria Joaquina Alves, é presa e condenada à morte por heresia e apostasia, com pena posteriormente comutada pelo Tribunal da Relação de Lisboa. Esteve presa dois anos e meio.

As autoridades Portuguesas tanto do estado como da Igreja Católica uniram forças e invocando uma lei inquisitorial datada de 1603, contra a heresia, ordenaram a prisão do Dr Kalley, levando-o para os calabouços do Funchal, na altura situado mesmo junto ao adro da Sé, onde permaneceu desde Julho de 1843. até Janeiro de 1844. Seis meses.

Os residentes ingleses na Madeira, a Igreja Livre da Escócia, a Sociedade Missionária de Londres, outras personalidades e instituições, foram activos em procurar meios para a libertação do Dr Robert Kalley. A Igreja da Escócia distribuiu uma circular, chamando a atenção das várias denominações religiosas e do publico cristão em geral para os sofrimentos “do nosso amado irmão Dr Kalley, agora preso por divulgar o Evangelho na Ilha da Madeira”.

Camponeses oriundos das zonas de Santa Cuz, Machico e Santo da Serra, vinham em fila visitar o Bom Doutor à prisão.

Robert Kalley é solto. O Secretário Britânico para o Estrangeiro, Lord Aberdeen, preveniu-o, de que ele não seria defendido pelo seu Governo contra quaisquer medidas que as autoridades portuguesas adoptassem para expulsá-lo da Ilha, caso ele continuasse a receber madeirenses crentes em sua casa, para fins religiosos.

Kalley responde: “Fui solto da cadeia e retomarei o trabalho interrompido, porque o único juiz competente que se pronunciou a este respeito declarou não haver qualquer violação da lei nem da Constituição Portuguesa”.

Sai da prisão sem julgamento e de imediato retoma o trabalho no Santo da Serra, onde os camponeses simples e fieis o aguardavam. Esta freguesia havia de tornar-se num dos principais centros do movimento protestante da ilha.

O Bispo eleito, D. Januário Vicente Camacho, emitiu uma carta pastoral, que foi lida em todos os pulpitos católicos da Ilha da Madeira . Esta pastoral estabelecia que a Bíblia em circulação na Ilha embora apresentando-se como

uma versão da Bíblia traduzida pelo Padre Católico, António Pereira de Figueiredo, estava seriamente adulterada. D. Januário condenava completamente a leitura da Bíblia e excomungava “ipso facto” todo aquele que continuasse a possuí-la ou a lê-la. As bíblias foram escondidas e muitas delas enterradas.

As conversões atingem a alta-roda da sociedade, o eco da primeira grande evangelização protestante, em Portugal, chega à capital do Reino, na secção de 23 de Novembro de 1844, na Câmara dos Pares, a pretexto da abertura de uma escola protestante na Rua Buenos Aires, em Lisboa, o bispo de Elvas alerta contra o perigo que os hereges fazem correr ao “verdadeiro cristianismo”, citando como mau exemplo, o sucesso que na Madeira tem o “Doutor do Erro”, a quem chama depois, “aquele lobo”. Este último insulto vai ser assumido pelos seguidores de Kalley: a sua mais famosa biografia escrita em 1988 por um presbiteriano escocês William Forsyth, irá chamar-se o “Lobo da Escócia”.

A Comissão Colonial da Igreja da Escócia nomeou o Rev. William Hepburn Hewitson, para tomar a responsabilidade do trabalho entre os Portugueses da Madeira e organizar uma Igreja, entre eles.

Naquela noite, de 25 de Março de 1845, na Quinta em Santa Luzia, onde residia O Rev. Hewitson juntamente com o pastor da Igreja da Escócia, o sacramento da Ceia do Senhor foi celebrado pela primeira vez em língua portuguesa de acordo com a liturgia presbiteriana, foi celebrante o Rev. Hewitson que ministrou a 34 portugueses convertidos. Outros mais deviam ter sido admitidos, mas não havia mais espaço para mais ninguém.

Duas semanas antes, em casa de Miss Denniston, foram baptizadas duas crianças, o primeiro baptismo infantil entre os portugueses convertidos. Os pais sob a coberta escura da noite, caminharam *durante quatro horas desde Santo António da Serra*, para apresentarem os seus filhos ao Sacramento do Baptismo.

Apesar do perigo da cadeia, a junta da Igreja reorganizada, recebeu muitos pedidos de baptismo e muitas inscrições de candidatos à admissão à Mesa do Senhor. Na celebração seguinte a 20 de Abril, teve a participação de 61 crentes.

A 8 de Maio de 1845, sob a liderança do Rev. Hewitson a comunidade crescente de crentes evangélicos, foi organizada como igreja. Foram eleitos e ordenados para constituir o Consistório da primeira Igreja Presbiteriana Portuguesa de doutrina reformada. Foram ordenados 5 diáconos e 6 presbiteros.

As ameaças e perseguições não surtiram o efeito de impedir o crescimento da Causa Evangélica ou de suspender o aumento de convertidos. Aquele movimento iniciado pelo Dr Robert Kalley e continuado pelo Rev. Hewitson, assumiu tão dramáticas proporções que, o Dr Andrew Bonar o descreveu na reunião da Assembleia Geral da Igreja Livre da Escócia, que teve lugar em Edimburgo em Maio de 1846, como o maior acontecimento das missões modernas”.

No Santo da Serra, as perseguições aos crentes aumentam, com prisões quase diárias. Na calada da noite ouvem-se choros, correrias e o barulho de soldados e policias intimidando o povo, prendendo-o.

Algumas pessoas refugiam-se no Serrado das Ameixieiras, na casa de oração, para orar.

Curiosamente na década de 70, visitei com o meu pai, esta casa que se encontrava abandonada. A um canto, em cima duma pequena mesa, estava uma jarra com flores de plastico. Este lugar sempre mereceu respeito e carinho pelas pessoas que ficaram, mesmo não sendo protestantes.

A sementeira estava feita.

A Quinta das Angústias, (hoje sede do Governo Regional da Região Autónoma da Madeira) , casa de Miss Rutherford , súbita britânica, onde cerca de 40 portugueses na maioria senhoras , se encontravam reunidos em oração,

foi sitiada por um numero sempre crescente de homens e mulheres rudes, em gritaria infernal.

Com o regresso do Rev. Hewitson para a Grã Bretanha, o Dr. Robert Kalley tornou-se de novo o alvo principal do cônego Teles de Menezes. O doutor estava marcado para a aniquilação, que deveria ter lugar antes do fim de semana.

No Domingo, 9 de Agosto, pelo meio-dia, terminava a missa de Nossa Senhora do Monte, celebrada na Sé Catedral do Funchal. Um foguete subiu estalando no ar, sinal que marcava o dia de Santo Bartolomeu Madeirense. A violência que rebentou no Funchal, Santa Cruz, Machico e Santo da Serra, foi devastadora. A brutalidade e os archotes foram mobilizados numa cruzada para exterminar a heresia.

Em Santo António da Serra, desde o Largo da Pereira, Caminho da Pereira, Serrado das Ameixieiras, Madre d'Água e Lombo das Faias as autoridades evadiram as casas dos crentes, altas horas da noite, aquartelando-se nas casas donde haviam expulsado os seus locatários hereges mesmo em roupas de dormir. Os soldados e os seus cúmplices saqueavam as casas, matando porcos cabras e galinhas, banqueteadando-se com as provisões dos camponeses, que fugiam para lugares escondidos nas montanhas. Mulheres e raparigas sofreram indignidades e os homens severamente espancados. Vinte e dois homens e raparigas foram metidos numa masmorra onde as condições eram simplesmente chocantes.

8 e 9 de Agosto foram terríveis para todos aqueles que estavam associados ao movimento evangélico. As autoridades civis perderam o controle sobre as quadrilhas de despojadores, muitos deles convencidos que estavam cooperando numa cruzada santa contra os hereges. Os protestos dos residentes ingleses e de muitos bons portugueses que estavam horrorizados com o barbaro espectáculo de fanatismo e terror, não foram atendidos.

No dia 9 de Agosto, Margareth Kalley, foi conduzida sob disfarce a casa do Consul Inglês e pela tarde refugia-se no Santo da Serra, entre os camponeses.

Aconselhado pelo cônsul Inglês a deixar a Ilha, O Dr Robert Kalley, disfarça-se de mulher doente e foi transportado numa rede, para bordo do navio britânico “Forth”, aportado na baía do Funchal. Nesse mesmo dia 09 de Agosto, do convés do navio pode ver a sua casa em Santa Luzia, envolta numa coluna de fumo e chamas. Casa, mobília, material cirúrgico e provisões, valiosa biblioteca e insubstituíveis manuscritos foram destruídos naquele holocausto.

Todas as bíblias foram queimadas. O hospital saqueado e danificado, as escolas domésticas foram incendiadas.

Naquela tarde solarenga de Agosto de 1846, o Forth, seguiu o seu destino para a Trinidad & Tobago, nas Índias Ocidentais Inglesas.

Mais tarde o Casal Kalley reencontrou-se e juntos, seguiram para a Inglaterra.

Os que ficaram foram perseguidos, eram fugitivos numa terra que era a sua própria terra.

Diariamente havia prisões e julgamentos. Todos os fieis católicos romanos proclamavam aos quatro ventos, sentenciosamente: “Que ninguém lhes dê lume, água, pão ou qualquer outra coisa que venham a necessitar. E Ninguém pague o que lhes deve. Esta ordem foi tão estritamente observada que os que tinham alguma coisa para vender não encontravam comprador por preço algum.

Um homem é barbaramente assassinado em São Roque e uma mãe e seus três filhos torturados.

A 23 de Agosto e meses seguintes todos os barcos que aportavam na baía do Funchal, levavam contingentes para a Trinidad & Tobago de madeirenses perseguidos. Julgamos tenham saído cerca de 2.000.

Na Trinidad os madeirenses foram trabalhar, para as plantações de açúcar, onde havia grande falta de mão de obra. Trabalho esse que antes era feito pelos escravos. Foi-lhes difícil se aclimatarem, sofreram as consequências do calor e da humidade, com ataques de febre e desintéria. Muitos adoeceram e o número de mortos tornou-se assustador. O nível de vida era muito mais alto que na Madeira e o novo ambiente era estranho para eles. Bem longe ficara a vida simples que eles conheciam. O novo ambiente tornava inevitável uma transformação radical nos seus costumes.

Face às graves condições económicas da grande maioria dos madeirenses exilados nas Antilhas, em Março de 1848, a Igreja Livre da Escócia faz apelos, pedindo apoio à Sociedade Protestante Americana e à União Cristã Americana.

A Sociedade Protestante Americana, responde favoravelmente e em Novembro de 1848, um grupo de mais de uma centena, vai para Nova York e Baltimore. Três barcos americanos foram posteriormente contratados para transportar os restantes madeirenses. Num espaço de tempo relativamente curto a Igreja fundada pelos Calvinistas portugueses na Trinidad era mais forte do que nunca. E ainda hoje a Igreja de Santa Ana é uma das congregações da Igreja Escocesa em Porto of Spain.

Uma grande maioria dos madeirenses, foram para Springfield e Jacksonville, no Estado do Illinois, onde chegaram a 15 de Novembro de 1849 e fundam a First Presbyterian Church of Jacksonville.

Abraham Lincoln, dá algum apoio aos refugiados, dando-lhes emprego. Tornam-se numa comunidade bem sucedida. Desde presidentes da cidade, Mayors, esposas de banqueiros, grandes fazendeiros, cientistas da NASA, professores Universitários entre outras profissões.

Fui convidado pela minha prima Justena Baptista West, a visitar Jacksonville para assistir às comemorações dos 150 anos da chegada dos madeirenses perseguidos, aquela nobre cidade americana. No dia 15 de

Novembro de 1999, participei numa culto de Acção de Graças, comemorando a chegada dos refugiados. Fiz a oração do Pai Nosso em Português.

Foi nesta cidade, onde a grande maioria dos refugiados do Santo da Serra, se instalaram, havendo mesmo uma rua dos Baptistas. Esta minha prima Justena Baptista West, já falecida, membro da The First Presbyterian Church of Jacksonville, Igreja fundada pelos Madeirenses perseguidos, foi ela que continuou os contactos com a família Baptista e Freitas na Madeira e a Igreja Evangélica Presbiteriana dos Louros no Funchal.

Assisti ao lançamento do Livro, *The Baptist Mega family*, editado por esta saudosa prima e por um outro primo Oren Baptist e também ao lançamento de outro livro escrito pelo meu primo Bill DeFrates, Bill de Freitas, “*Contos de Portagee Hill*”.

Os que saíram do Santo da Serra, abandonaram tudo. Família, casas, amigos, animais. 173 anos após a saída algumas das casas, continuam abandonadas muitas delas estão cobertas de vegetação.

Os que ficaram, entraram na clandestinidade e foram apontados até à revolução dos cravos, pelo nome considerado pejorativo de “Calvinistas” ou de “Calbrinistas”.

Todavia o movimento evangélico, iniciado pelo Dr. Robert Reid Kalley entre os madeirenses, embora muitas vezes perseguidos e seriamente maltratados manteve um testemunho contínuo na ilha.

Em 1875, cerca de 30 anos após o exodo dos madeirenses para a Trindade e os Estados Unidos, foi renovada a amizade entre Portugueses e Escoceses. A nova congregação protestante de residentes na Madeira foi entregue ao cuidado pastoral do Rev António de Mattos, que entretanto havia regressado a Portugal.

Em fins do século dezanove, cinquenta e dois anos depois da saída do Dr. Robert Kalley, William Smart, missionário metodista, que com o apoio da Igreja da Escócia, chega á Madeira. Funda a Igreja Metodista Episcopal e

arrebanha os Calvinistas convertidos que se encontravam dispersos. No Santo da Serra, este missionário de nacionalidade Americana, foi muito bem acolhido e o seu trabalho muito frutuoso, assim como, o Dr Robert Kalley, eles foram lembrados pelos crentes até ao fim das suas vidas.

No início do século XX, o meu bisavô compra a Quinta do Pasto, em São Gonçalo, no Funchal e passam a celebrar cultos. Igualmente em, Estanquinhos na Boa Nova, Galeão em São Roque, Ribeira Grande em Machico e Ribeira Brava.

Em Janeiro de 1892, o Rev Drumond Paterson foi nomeado pela comissão Colonial da Igreja Livre da Escócia e começou um ministério que se prolongou durante trinta e dois anos. Seguiu-se o Reverendo Calderwood. Foram estes dois pastores, que na Igreja Escocesa baptizaram os meus tios, tias e a minha mãe. O pastor Nigel Power, teve um ministério de 50 anos. Baptizou-me assim como os meus irmãos. O livro de registo destes baptismos, foi depositado no Arquivo Regional e Biblioteca Pública da Madeira.

Nos fins da década de 50, tinha eu doze anos, um colega de escola convida-me para no dia seguinte, uma Sexta-Feira, ir à Sé do Funchal, por volta das 17h, para me baptizarem, isto sem o conhecimento dos meus pais. O que recusei. Isto aconteceu cento e dezasseis anos depois, do início das perseguições. Nunca valorizei este convite. Mais tarde já homem, apercebi-me que este convite, era “sermão de encomenda”.

Nos Estados Unidos, por altura das comemorações dos 150 anos da chegada dos Madeirenses a Jacksonville, na recepção de boas vindas, Eu disse que; “Os tempos mudaram em Portugal e os ventos são outros, mudaram felizmente e para sempre.” Depois do 25 de Abril, iniciaram-se os serviços religiosos ecuménicos na Região Autónoma da Madeira, entre as Igrejas Católica, Luterana, Anglicana e Presbiteriana. Frequentemente convidavam-me para leituras Bíblicas nesses cultos ou missas. Presentemente estou na direcção

do Núcleo Regional da Madeira da Liga Portuguesa Contra o Cancro e por duas vezes, fui convidado por dois padres católicos meus amigos, para organizar e participar em missas ecuménicas, juntamente com irmãos Luteranos e Anglicanos. Bem Hajam.

Fui ao Brasil em 1984, a convite dum familiar. Existe uma comunidade Evangélica, oriunda dos exilados. Emigraram, no início do século XX. Vivem perto de Guarulhos, São Paulo. Encontrei os Baptistas, Freitas, Reis, Francos, Andrades, Gouveias e outros, todos oriundos do Santo da Serra, Santa Cruz e Machico. São Roque e Quinta do Pasto, no Funchal. Mantêm-se juntos.

Parte da família Gomes Pernetá, meus familiares, vivem na Venezuela e frequentam a mesma igreja que os de São Paulo, Brasil. São descendentes de Manuel Gomes Pernetá, um continuador do trabalho de Robert Kalley na Madeira. Foi muito perseguido e mal tratado, uma das vezes ia-lhe custando a vida.

Em 1878, madeirenses católicos emigram para o Hawaii, para trabalharem na cana do açúcar. Este país debatia-se com um excesso de imigrantes asiáticos. Torna-se necessário substituir a mão de obra por pessoas, próximas dos Hawaianos. Da Madeira seguem os primeiros emigrantes católicos. Os portugueses, duros no trabalho mas inteligentes na relação, pedem professores para lhes ensinar o inglês e a religião Americana.

Vão a Jacksonville e Springfield e convidam entre os madeirenses refugiados, o Pastor Presbiteriano Emanuel Pires, um jovem de Springfield, António Victorino Soares e outro de Jacksonville, Robert Kalley Baptiste, meu familiar.

Este primeiro grupo de protestantes segue para o Hawaii em Setembro de 1890. O Pastor Emanuel Pires e António Soares, ficam em Honolulu, Robert Baptiste, após estudos teológicos num seminário protestante, torna-se pastor e funda a Igreja Evangélica de Hilo no Hawaii.

O Bispo do Funchal, ordena, que um padre oriundo da Ilha do Porto Santo, vá ao Hawaïi, com vista a reconverter os católicos que entretanto se tinham convertido ao protestantismo e explicar, que nos Estados Unidos, não há religião do Estado. As pessoas são livres de escolherem a religião que quiserem. Alguns regressaram à católica.

Este edifício onde nos encontramos, na década de 70, era um Quartel Militar - Engenharia. O país estava em guerra. no dia 4 de Janeiro de 1970, saí daqui bem cedo, com uma guia de transporte, para apanhar o comboio , com destino ao Centro de Instrução de Operações Especiais em Lamego, para tirar o curso nos Rangers.

Curiosamente, regresso aqui ao fim de 48 anos e 14 dias, no cair da tarde, não para falar de guerra de guerrilha, mas para testemunhar e falar dum homem bom, culto e *disponível* (livre), um homem de paz, que se entregou a uma causa nobre, a de evangelizar, praticou e ensinou o que era o Amor Cristão , sempre com atenção para com os mais simples, os que não tinham voz, nem instrução suficiente para lerem a Bíblia. Ensinou-os a ler. Ele cuidou de gente simples e de gente notável, não só pela vertente espiritual mas também física, cuja mensagem, foi sempre acima de tudo “ Amar a Deus e respeitar o próximo”. Ponto numero um, para um bom principio de relacionamento, não só para os que o ouviram e seguiram, mas também para outros, independente da confissão religiosa. Preparou missionários e co-pastores, em Portugal, nos Estados Unidos e no Brasil, mas foi no país irmão onde, juntamente com 6 madeirenses, que o seu trabalho foi mais profícuo.

Foi preso, maltratado, expulso da ilha, só por reconhecer em Deus, o seu único chefe e no Espírito Santo uma fonte de inspiração e de acompanhamento. O legado de Kalley está presente em todos aqueles, protestantes ou não, que reconhecem na Bíblia, o verdadeiro guião para uma vida cristã bem sucedida aos olhos do Deus misericordioso, “que nos dá a Graça pela fé”.

Robert Kalley, nunca colocou a religião acima dos ensinamentos Bíblicos, nem tão pouco repetições de conceitos antigos, sujeitos a disciplinas e controlos normativos. Apesar de sabermos da sua formação enquanto criança, ter sido evangélica e o forte apoio nas alturas difíceis que passou, principalmente na prisão, onde, a Igreja Livre da Escócia e a Igreja da Escócia, estiveram sempre ao seu lado.

Que todos aqueles que se acham herdeiros deste legado, sejam fieis depositários, a tudo aquilo que de bom ele criou e nos deixou.

Regressou com a sua dedicada esposa, Sara Poulton Kalley à Escócia, em 10 de Julho de 1876, veio a falecer a 7 de Janeiro de 1888.